



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 17.9.2013

Local: CERES/UFRN

Entrevistado: Salomão Gurgel Pinheiro

Responsável pelo resumo: Patrícia Wanessa de Moraes (bolsista)

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E o próximo convidado é o meu querido colega e amigo Salomão Gurgel Pinheiro. Não precisa apresentação em Caicó, não precisa de apresentação, Salomão vai fazer uma retrospectiva, foi isso que ficou combinado, falar da sua militância no ensino médio e a sua volta como médico, o que foi essa cronologia e realmente eu não me recordo exatamente que ano... Tento situar no tempo, já se vão 50 anos e eu tenho 73 viu, a minha memória falha um pouco. Então você está livre para falar, tem mais ou menos 30 minutos para falar, é o que a gente está fazendo, mais pode estender um pouquinho, mais que eu acho que vai ser muito interessante o tratado das nossas perguntas. Com a palavra, Salomão.

Salomão Gurgel Pinheiro: Bom, boa tarde a todos e a todas. Na realidade, a gente se sente assim um pouco como participante de algo tão importante na história do nosso país, para recordar e relatar sobre aqueles momentos difíceis, eu diria extraordinários para nós. Jovens, adolescentes que vivenciamos o crescimento de um processo muito importante, e eu aqui em Caicó junto dos meus companheiros... o crescimento que a gente sentia a efervescência no início dos anos 60 aqui em Caicó, fazendo parte de toda aquela politização no Brasil inteiro. E numa cidade como Caicó, conservadora, dominada pelas oligarquias talvez mais atrasadas do estado do Rio Grande do Norte, mesmo assim com um movimento estudantil efervescente. Naquela época não existia universidade aqui. Mas tinha um movimento estudantil em nível primário e de segundo

grau. Aqui não tinha nem científico. Eu estudei o primeiro científico aqui em Caicó e fui fazer o segundo e o terceiro em Natal. Mas mesmo assim em uma situação muito interessante, porque uma das coisas que eu estava refletindo é que o mal maior da Ditadura Militar não foi só ter eliminado dezenas, centenas de jovens, mas por ter eliminado completamente aquele movimento de crescimento da nossa juventude, da participação. Eu saí aqui do Brasil em 1970 e quando voltei aqui, em 1981, o meu choque foi tremendo. Porque quem via eu correndo aqui em Caicó para participar de movimento jovem e participar de movimentos de jovens... E quando cheguei aqui em Caicó, parecia um cemitério político, governado pelas mesmas lideranças que eu tinha deixado aqui durante os anos 70 e sem nenhuma perspectiva de crescimento, de participação de novos valores políticos, que a Ditadura acabou. Vivia eu, por exemplo, na União Estudantil Caicoense, organizando os movimentos, era tão grande a participação, o papel da União Estudantil Caicoense, que se fazia de tudo, se fazia Certames Culturais e hoje nem as escolas estão conseguindo fazer... promoções culturais, promoções esportivas. Nós chegamos ao um sistema de organização de jovens e adolescentes. É, a gente fazia até um sistema de saúde, e os estudantes de Caicó, coisa nunca vista, eles distribuem uns boletos... Naquela época pagava uma mensalidade e tinha direito à assistência médica e isso tudo organizado. Estou dizendo isso para mostrar que nós não fazíamos apenas a parte de participação política, mas também tínhamos essa coisa de mostrar o quanto é capaz a juventude de fazer esses grandes movimentos enquanto hoje nós estamos em um sistema aí, em que os jovens têm que somente estudar e se desconhece esse valor, essa capacidade de mobilização. Isso a ditadura infelizmente conseguiu acabar, porque quando nós chegamos aqui não existia mais nem união estudantil, nem grêmios estudantis, nem mais os grêmios culturais nas escolas e nem uma liderança que dissesse assim: “olha, restou aqui um pequeno grupo que está fazendo alguma coisa”. A ditadura pegou depois de ela acabar com todos esses movimentos aqui em Caicó, o que foi que os coronéis que vinham para cá comandar os batalhões, o que eles fizeram? Eles substituíram essa participação, eles fizeram cooptações. Então não faltou dinheiro para a Casa dos Estudantes, não faltou dinheiro para se organizar um bocado de coisas assim, mas só que os jovens ficaram calados e não tinham nem uma participação política, esse foi o quadro que vimos aqui. Olha, efetivamente depois do Golpe, eu tive muita sorte porque eu fiquei sempre debaixo das asas da Igreja e meu papel era de repórter da Rádio Rural, líder estudantil, fazia o trabalho e sempre estava ali na proteção de Dom Manuel Tavares. Era tanto que eu,

logo no início, eu tinha 17 anos de idade, quando eu escrevi um artigo, pois eu era repórter da rádio, então o redator-chefe sempre que saía alguma coisa que feria os interesses da Ditadura Militar ou das oligarquias, você veja o seguinte, isso que João Batista estava dizendo, o seguinte: as oligarquias aqui se juntavam tão fortemente com os interesses que qualquer coisa que a gente desafiava, os interesses das oligarquias, imediatamente a gente recebia um chamado do Batalhão para se explicar. E isso foi durante todo esse período depois do golpe de 64 até a minha saída daqui de Caicó, nos anos de 1969, a gente ficou nessa coisa. Então, Dom Manuel Tavares, Padre Itan e esses aí sempre nós protegiam. Tinha um comandante aqui que até era um homem intelectual, um homem que gostava de estudar, gostava de música clássica, nem parecia um militar, um desses coronéis rudes que a gente tinha aqui. E ele realmente... e muitos que eram chamados de subversivos e comunistas por aqui, tendo em vista o grande apreço que ele tinha pela Igreja e por algumas pessoas, eles sempre se resguardavam. Mas existiam dentro do comando do Batalhão de Caicó uns cinco ou seis capitães que eram conhecidos como “mãos de ferro” ou linha dura. Que queriam, por exemplo, prender, queriam fazer o terrorismo. Eu só estou recordando assim, dando rápidas pinceladas, porque não trouxe uma coisa sistematizada porque o tempo é pouco, mas queria dizer daquele momento difícil que a gente passava. Por exemplo, eu trabalhava na Rádio Rural, veio a primeira eleição, a primeira eleição onde o MDB e a ARENA, aqui em Caicó, só tinha a MDB, em todo a Brasil, só MDB e ARENA. Vejam bem, as oligarquias daqui de Caicó eram tão frouxas que todo mundo ficou na ARENA verde. Ninguém! Era Dinarte Mariz, Manoel Torres, naquela época os Costas não tinham expressão não. Mas tudo o que era verde e vermelho se juntou aqui em Caicó e ninguém assumiu o MDB. Então fomos nós que nem sequer votávamos, jovens... eu tinha 17 anos naquela época, fomos nós que organizamos o MDB. E fizemos uma luta de resistência grande, utilizando o espaço que tinha na Rádio Rural, eu não sei se era horário eleitoral, não sei se os partidos pagavam, não me recordo não. O MDB naquela época nós deu a tarefa de fazer a campanha de Odilon Ribeiro Coutinho. É tanto que Odilon Ribeiro Coutinho é que foi o candidato a senador mais votado aqui em Caicó, nós elegemos Geraldo Queiroz, um ilustre desconhecido na época, deputado estadual só com o voto de Caicó. E um bocado de moleque, eu com 17 anos era o mais velho e que nem votava naquela época. Então nós conseguimos fazer essa mobilização, mostrando os resquícios que tinha ainda do movimento estudantil aqui em Caicó, com uma grande repercussão na política local. Então isso aí, nós fizemos com muito atrevimento e muita

coragem também. Porque toda vida que a gente terminava o programa na Rádio Rural de Caicó tinha um vidro bem grande assim em um estúdio e tinha uma espécie de salão bem grande na frente e tinha um balcão em frente a esse vidro. Então é o seguinte, a gente se reunia para fazer o programa do MDB, quando a gente terminava o programa, terminava de cinco horas, aí os coronéis... os coronéis não, os capitães do Exército, chegavam um por um, dez, doze, cada um iam chegando e botando o boné, os bonés que eles usavam em cima da coisa para mostrar que eles estavam ali. Aí, gente, tinham uns que se afrouxava quando viam lá um monte de boné. Eles colocavam os bonés e saíam. Aí quando nós terminávamos o programa eles diziam: “olhem, vocês são um bocado de inocentes, estão sendo utilizados pelos comunistas”. Quem era comunista aqui em Caicó? Não se conhecia, eu apenas conhecia um comunista velho que vinha de Caicó, seu Paulino, e que ele dizia assim: “a minha mulher é viúva de um marido morto”. Porque a ditadura militar tinha o aposentado como morto e ficaram recebendo aquela coisa. Aí se tornou vendedor de livros e vinha aqui em Caicó de dois em dois meses. Era o único contato com algum comunista que nós tínhamos em Caicó. Mas não foram os comunistas que alimentaram quando nós começamos nos anos 60, havia uma efervescência, um desejo muito grande da juventude de participar, e vejam o seguinte: dizer, assim, que a participação política não fazia com que os líderes políticos ou aqueles jovens que participavam ativamente dos movimentos políticos, eles eram sempre – João Batista está aí, um exemplo – bons estudantes, os jovens estudavam mais, os jovens liam mais naquela época, naqueles anos. Então, isso tudo, aquela a procura, existia em nós não o desejo de, como a propaganda que foi do Golpe, né? Aquela questão de dizer que iam instalar um regime comunista no Brasil, mas existia em nós, jovens daquela época, um desejo ardente de justiça. Isso aí que João Batista... a gente era inconformado e tinha que encontrar uma forma de gritar bem alto pelas injustiças sociais. A miséria era muito grande, a mortalidade infantil nem se fala. E aí de tudo isso a submissão do nosso povo a essas oligarquias aí, tudo no mundo, uma vaga na “Emergência” tinha que se apadrinhar com alguém para se conseguir uma vaga. A corrupção graçava por todo canto. Quando vinha uma frente de “Emergência”, as grandes famílias listavam – não é mentira não – desde o pai de família, mãe, todos os filhos, agregados, até papagaio tinha. E isso tudo nos revoltava. Isso tudo fazia com que a gente se revoltasse cada vez mais e que nos armou de certa coragem de enfrentar aqui em Caicó. Por exemplo, Natal não havia realizado nenhum movimento assim de envergadura como nós fizemos aqui em Caicó. Quando mataram aquele estudante,

Edson Luís lá no Calabouço, nós fizemos a maior manifestação. Nós colocamos dois mil estudantes nas ruas de Caicó antes mesmo de Natal. E foi uma coisa seguinte, porque o Exército ameaçou reprimir e pedia aos pais para que não deixassem seus filhos porque aquilo era arte de comunista mas nós conseguimos arrastar e fizemos um movimento muito bonito. A partir da Casa do Estudante, foi a primeira vez que a gente, em plena ditadura aqui em Caicó, mostrou que tinha poder de articulação. Fizemos um movimento, dividimos as lideranças: uma para o ginásio Diocesano, outra para o Instituto de Educação, outra para o grupo escolar Senador Guerra e Santa Terezinha. Depois cada um ficou encarregado de puxar essas manifestações e aí ficou uma coisa muito bonita, o encontro dessas manifestações, desses desfiles da juventude, lá na Praça da Liberdade, onde nós fizemos um grande comício. Apesar de quê, todos os capitães estavam todos lá no meio da rua, a polícia foi lá para intimidar a gente, mas a gente não teve medo. Uma das coisas interessantes era que o idealismo era tão grande que a gente não tinha medo, a gente não pensava nas consequências. E depois quando eles dizimaram esse movimento organizado da juventude, nós passamos assim para uma questão de clandestinidade, várias vezes a gente era chamado para participar de reuniões em Natal. E a gente ia, mas não refletia porque naquela época a repressão já era dura, já estavam matando lá, já tinham prendido vários líderes lá em Natal. Mas a gente ia, levavam a gente para fazer reuniões. Eu me lembro bem de uma reunião lá em Natal. Não sei para quê... até hoje eu fico me lembrando, para quê levaram a gente para fazer reuniões dentro de um galinheiro na casa de um padre, lá em Natal. A reunião foi no galinheiro, junto com cocô de galinha e tudo o mais. Mas nós fizemos, fizemos essa reunião lá, muito escondida, para decidir o movimento. Naquela época o movimento de esquerda já estava tomando tanta tendência, o pessoal já estava partindo para a questão da luta armada. E uma das questões que eu me lembro muito bem era dizer “onde colocar as armas aqui em Caicó?”. As armas que vinham de Natal. Ainda bem que a história dessas armas murchou porque eu digo: “tudo bem, tem lugar para botar as armas, agora eu quero saber quem é que vai dar os tiros, lá em Caicó?”. Mas aí eu me lembro muito bem que veio aqui, com o medo maior do mundo. Juliano Siqueira veio aqui para justamente se ver essa questão de onde colocar armas para enfrentar a ditadura. Eu me lembro que não se tinha lugar para fazer a reunião e então a gente resolveu fazer essa reunião no meio da rua, conversando... só que quando menos esperava, lá vinha um carro da patrulha, do Exército. O medo aí já estava tomando conta das pessoas. Como eu era conhecido aqui em Caicó, eu também ainda não estava

tomado de medo, Juliano foi o primeiro a correr, discretamente. Eu disse a ele que não fugisse, mas saísse discretamente para não chamar atenção da patrulha do Exército que vinha se aproximando. Então, esse era o clima. Eu não entrei muito em detalhes do que veio a seguir porque em 1970 eu havia conseguido, com a ajuda do Partido Comunista Brasileiro, tinha conseguido uma bolsa para estudar Medicina em Moscou. E aí a partir de 1971 eu já estava lá em Moscou e aí foi nesse período que a gente já passou a fazer parte de frentes internacionais de apoio aos presos políticos e combate à ditadura no Brasil. Essa é uma história que eu faço aqui, rapidamente, com essas pinceladas. Aí depois terminei o meu curso de Medicina em Moscou, fiz residência, vim embora para cá. Essa história de lá para cá já é conhecida de todos nós. Só um intróito, viu Ivis?

Almir Bueno: Você só voltou de lá com a anista?

Salomão Gurgel Pinheiro: Eu voltei em 1981, já tinha havido a anistia. Aí voltei, em 82 – não era meus planos, mas por uma coincidência eu vim aqui, porque eu tinha casado com uma russa, já tinha um filho em Moscou. E vim aqui só para conhecer, saber das possibilidades de trabalhar no Brasil, mas já tinha deixado um doutorado lá me esperando. Eu tinha um irmão que era candidato a prefeito, aqui em Janduís, ele adoeceu e aí me botaram. Nessa besteira eu perdi o doutorado e fui ser prefeito de Janduís, não foi uma boa troca não.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Salomão, eu queria contextualizar aqui porque eu queria ver o seguinte. Queria que você datasse essa sua digressão que você fez. O seu ginásial, o primeiro ano, foi de 64 a 69, é isso? Você descreveu aí pós-64, dizendo que estava aqui. O ginásial e o primeiro ano científico da época, que só foi para Natal fazer o segundo e o terceiro. Que ano foi isso? Você falou muito dos seus 17 anos, mas os 17 anos estão onde aqui? Eu quero também saber quantos anos eu sou mais velho que você, por isso estou perguntando isso.

Salomão Gurgel Pinheiro: 1961 eu vim estudar em Caicó, saí de Janduís. Fui fazer o quarto ano primário na escola Santa Terezinha, da professora Calcúnia Carlos de Amorim. Aí fiz o quarto e aí o quinto ano eu fui fazer já em Pendências e foi lá em Pendências que depois eu fiz o quinto ano primário e o curso de admissão. Não tinha que fazer uma prova de admissão? Eu fiz a admissão lá no colégio Nossa Senhora da

Conceição, em Macau, com Pe. Penha. Aí voltei para Caicó e comecei em 1962 a fazer o primeiro ano do ginásio, no Instituto de Educação. Aí só fui para o Diocesano em 62 até 65.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Então o golpe lhe pegou no terceiro ano do ginásio?

Salomão Gurgel Pinheiro: É, o golpe foi em 64, eu estava no terceiro ano do ginásio.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Esses 17 anos se situa onde? Você falou muito de quando tinha 17 anos. Eu acho que foi pós-64.

Salomão Gurgel Pinheiro: Eu sou de 48.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Tem um detalhe muito pessoal que eu estava querendo saber também. Em 64 você estava no terceiro ano do ginásio e tinha 16 anos. É porque eu estive aqui três meses em 1964, eu, Emilio Sales, Luiz Faustino e outro colega viemos aqui fazer um estágio no Cespe para ir para Açu. Passei três meses aqui. Nós fomos contemporâneos, mas eu era já um rapaz de 24 anos e você era um jovem adolescente. Era isso que eu queria saber. Mas eu vou contextualizar. Até 69 você ficou? Foi isso tudo?

Salomão Gurgel Pinheiro: Em 69 eu já estava em Natal. Eu certifiquei em 69, foi o tempo que eu fiz vestibular. Aí havia uma marcação, né? Monsenhor Walfredo Gurgel que era primo legítimo do meu pai. Eu fiz cursinho em Natal e estava cotado. Naquela época podia fazer Medicina e Direito. Eu fiz os dois, me reprovaram nas duas provas. Mas foi que eu fui embora para Moscou, em 70.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Isso que eu queria também saber. Você terminou o científico, não entrou e foi embora para a União Soviética.

Salomão Gurgel Pinheiro: Na realidade eu queria ficar estudando aqui, mas eu acho que foi até o destino que se encarregou de me tirar daqui... Aí eu fui embora para Moscou e eu acho que se eu não tivesse saído, porque eu era muito empolgado, me

envolvia muito com essas coisas daqui, certamente se eu não tivesse saído tinha embarcado...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você esteve três anos, então, em Natal, em plena ditadura?

Salomão Gurgel Pinheiro: Lá em Natal eu só fiz o segundo e o terceiro. Passei dois anos em Natal. Em 70, no mês de agosto, eu fui embora.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você deu muita ênfase, com toda razão, na sua atuação no movimento estudantil daqui. E lá em Natal, nessa época?

Salomão Gurgel Pinheiro: A minha participação ficou mais restrita a algumas reuniões. Não tive uma participação mais ativa, a não ser quando eu saía daqui, quando ia representar o movimento estudantil de Caicó, do Seridó.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quando você foi para Natal para estudar, para terminar, não teve nenhum problema?

Salomão Gurgel Pinheiro: Eu só fui me filiar ao PCB um ano antes de viajar. Tive uma entrada triunfal no PCB porque fui convidado. Quando eu cheguei lá, me levaram para o cabaré de Caicó. Foi lá onde a gente teve uma oportunidade de clandestinamente, entrar no PCB. Quando eu cheguei lá, a pessoa que eu achava que era mais reacionária daqui de Caicó, era um tal de Pereira, do Banco do Brasil. E estava aquele cara ali. Eu tive até um medo porque ele era meu vizinho. Eu tive até um medo porque ele era bem carrancudo, bem fechado, não falava com ninguém. E quando cheguei estava ele lá, para me saldar, no local, no cabaré de Caicó.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quem foi de Natal?

Salomão Gurgel Pinheiro: De Natal? Esse seu Paulino. Que era o livreiro que vinha vender livro em Caicó. O padre Tércio comprou muito livro a ele. Uma conversa boa... Eu não tive nenhuma preparação não. Eles faziam uma cooptação rápida que você não podia nem dizer não. Eu não tinha nada a ver com isso, mas entrei e fiz uma militância.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Em Natal, quem lhe recepcionou?

Salomão Gurgel Pinheiro: Foi Hermano Paiva. E depois fui abençoado lá por Vulpiano.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Luíz [Maranhão] já estava foragido?

Salomão Gurgel Pinheiro: Eu conheci Luíz até com outro nome, depois que mataram ele foi que eu soube. Eu conheci Luíz em Moscou, na casa de Prestes. Aliás, toda a direção do PCB eu conheci lá em Moscou. Agora só depois é que eu sabia quem era quem... porque lá era só o nome de guerra.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E a sua volta, foi em que ano?

Salomão Gurgel Pinheiro: Eu voltei em 81. Difícil. Depois é que percebi. Tinha um Tenente aqui que depois me disse: “eu fui designado para lhe seguir o tempo todo”. Eu não sabia que eu era seguido, acompanhado.

Pessoa não identificada: Você repetiu aí algumas vezes que os jovens não tinham medo, foram mesmo para o combate, para o embate e que aí em um determinado momento começaram a temer. E me ficou uma curiosidade, se você sabe dizer se algum jovem foi torturado? Se jovens foram torturados e se jovens foram mortos aqui em Caicó? Outra coisa que eu gostaria de saber era das famílias de vocês. Vocês saíram e como ficaram essas famílias, se elas eram perseguidas, eram vigiadas, se sofreram algum tipo de repressão?

Salomão Gurgel Pinheiro: Algumas pessoas do nosso grupo foram cooptadas. Cooptadas. Ninguém do ciclo de conhecimento que eu tive – eu não vou citar nomes aqui porque são pessoas vivas hoje aí e aí eu não quero ser... –, mas algumas pessoas sobreviveram justamente. Até mesmo porque foram meus líderes aqui em Caicó. Aí depois essas pessoas foram envolvidas de alguma forma, passaram a ter um status bem elevado e quando eu cheguei aqui essas pessoas não queriam me ver, quando eu cheguei de Moscou. Aí eu procurava e queria conversar mas essas pessoas fugiam de mim. Foi

triste. É como eu disse a vocês no início, nós tivemos aqui uma forte proteção da Igreja. Eles nos protegiam muito porque nós todos éramos ligados à Igreja. Todos nós estávamos lá na Rádio Rural. Você veja o seguinte, o que nós queríamos era participar e aí nós tivemos assim, por exemplo, um momento muito feliz – nós, da minha geração. Nós tínhamos vontade de estudar, aprofundar nossos conhecimentos e padre Tércio era professor de filosofia da gente. Acho que ele tentou fazer de mim um filósofo. O primeiro presente que ele me deu, ele trouxe três livros de Marcousse que ele não leu e me deu pra ler. Aí nas férias eu tentei ler Marcousse, mas não entendia nada. Li quinze páginas de cada livro e disse “padre Tércio ,não dá, entendo nada que esse homem quer dizer aí” e eu acho graça porque padre Tércio, não deu pra ler o Marcousse não. Na realidade, professora, eu acho que aqui em Caicó, apesar de toda essa coisa, talvez aí um paradoxo muito grande. Primeiro, esse apego que as famílias tinham aos seus filhos, então isso deu uma certa cobertura pra gente, os pais, aquela preocupação... E essa cobertura que a Igreja, sob comando de Dom Manoel Tavares, ela deu àquele grupo de jovens. E a abertura que a rádio dava a gente para expressar as novas ideias e toda a vida que chegava uma notificação para a gente subir até o batalhão para se explicar, até mesmo porque éramos menores. Quem ia era Dom Manoel Tavares ou padre Itan.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quer fazer algum encerramento?

Salomão Gurgel Pinheiro: Não, se tiver alguma pergunta...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu queria fazer, depois da pergunta dele, só um comentário.

José Antônio Spinelli: Eu vou fazer uma pergunta que vai fugir um pouco do *script*, mas eu acho que... eu me lembro que em 1982, 1983, você já era prefeito, né? E havia, começamos no Rio Grande do Norte, uma campanha para governador e o seu nome foi lembrado para ser o candidato. E me parece que as pesquisas de opinião, na época, davam grandes chances a sua candidatura. E aconteceu algo, acho que foi internamente ao próprio PT, aconteceu algo que inviabilizou essa candidatura. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso. Afinal de contas era no período ainda da ditadura, ou no fim da ditadura.

Salomão Gurgel Pinheiro: Essa história aí foi com relação a Natal. Prefeitura de Natal. Eu fui candidato, depois que concluí a prefeitura de Janduís, em 1988, eu saí... realmente o meu nome com uma certa repercussão pelo trabalho que a gente fez, pelo fato de ter inovado administrativamente, a gente ter derrubado lá... e pelo fato de eu estar bem novinho em folha, recém-chegado com ideias revolucionárias na cabeça. Aí derrubamos e fizemos durante seis anos um trabalho administrativo lá em Janduís que modificou. Aí eu voltei porque minha mulher e filho tinham ficado em Moscou, depois de seis anos eu voltei para Moscou e comecei a fazer o meu doutorado em psiquiatria lá em Moscou. Aí nessa época eu já estava filiado ao PT, um depois – eu fiz um ano de doutorado – aí me chamam. O PT diz assim: “venha para ser candidato a governador do Estado”. E eu fui candidato. Nessa época não tinha quem queria ser. Apesar de quê veio a primeira candidatura de Lula. E aí foi aquela... quase que Lula chega lá, em 1989. Aí em 1990 a eleição para governador. Aí eu fui o candidato. O partido se juntou comigo, com o PSB e o Pcdob e nós, sem nenhum recurso... As músicas de campanha que cantava era “Lula lá”. Quando chegava numa cidade era “Lula lá”, mas mesmo assim foi a primeira vez que um candidato de esquerda teve mais de 10% do eleitorado. Nós tivemos 106.000 votos. Aí um ano depois, respondendo a sua pergunta, aí a eleição para prefeito de Natal, em 1991. As pesquisas começaram a me botar no nome, eu me lembro muito bem. Iberê, João Faustino, Ana Catarina, Henrique... O meu, nas primeiras pesquisas, ficou em terceiro lugar. Aí depois eu passei João Faustino, passei Ana Catarina e fiquei pau a pau com Henrique Alves. Aí quando... mas não foi só culpa do PT não, eu achava que tinha sido radicalismo, mas houve uma conspiração danada porque quando eu passei Henrique, botei cinco pontos acima de Henrique, em abril, e as eleições iam ser em outubro, em abril eu já estava na frente de Henrique, prefeito de Natal, em 1991. Aí quando eles viram que eu ia ganhar as eleições porque era só o que se falava em Natal e apesar de que eu morava em Caicó e não tinha quem administrasse a política minha. Aí era o MDB, era todo mundo... aí terminou, o PT, por falta de experiência, comeu a corda de alguns fuxicos e aí implodiram a nossa candidatura. E eu também, por falta de experiência, porque se eu tivesse sido mais maleável nós teríamos. E não por mim, mas aquele momento de efervescência, de crescimento que o Rio Grande do Norte estava vivendo podia ter sido uma oportunidade da gente romper com esse estado que perdura até hoje aqui, na política do Rio Grande do Norte.

José Antônio Spinelli: Com certeza. Nós tínhamos eleito o primeiro prefeito depois de 64, o primeiro prefeito de esquerda em Natal, que até hoje não tivemos. Depois perdeu-se essa oportunidade novamente em 1996, no segundo turno.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Meu caro Salomão, parabéns. Eu acho que o seu depoimento foi muito importante até porque nós estamos aqui, você enfocou um momento muito bonito, feito pela juventude, crianças alguns, naquela época não eram nem adolescentes ainda. E em um lugar difícil. Eu sei como era difícil naquele início de regime militar, muito duro, e vocês fizeram aqui uma resistência. O que eu queria registrar é que pela segunda vez hoje se faz menção da participação da Igreja no Seridó, da Igreja católica do Seridó, num apoio firme a todos que combatiam o regime militar, que eram perseguidos pelo regime militar. Eram ou poderiam ser perseguidos. Teve duas professoras daqui do curso, do centro, que citaram esse apoio da Igreja e você também, que foi antes até. Na época, o bispo era o saudoso Dom Tavares. E nós sabemos também que tivemos outras participações, que eu não vou falar agora porque nosso palestrante que vai lhe suceder com toda certeza vai falar isso. Acho que foi um ponto importante. Muito obrigado em nome da Comissão da Verdade, posso dizer, em nome da reitora, em nome da nossa diretora do CERES, pelo seu depoimento e você está convidado para permanecer aqui, se os seus afazeres não o impedirem.